



***A presença dos EUA na obra infantil  
de Monteiro Lobato***

*J. Roberto Whitaker Penteado*



## resumo

Monteiro Lobato (1882-1948), além de ter sido contemporâneo de um período de predomínio econômico e político dos EUA em todo o planeta, também sempre manifestou interesse e preocupação com a questão da identidade brasileira e do relativo “atraso” do país em relação ao seu poderoso vizinho. Sua visão talvez se tenha acirrado em função do período que passou naquele país, entre 1926 e 1930, como adido comercial consular. Da análise feita especificamente sobre sua produção infantil transparece a inegável admiração do autor pelas evidentes conquistas materiais, a operosidade ianque e, com frequência, pelo destaque que tinha, na época, a sua produção cinematográfica. Ocorrem, também, a crítica e a ironia. No cômputo geral, o conjunto de todas as menções “americanistas” encontra-se balanceado – e até ofuscado – pela verdadeira universalidade do mundo infantil lobatiano, nas quase 5 mil páginas que lhe dedicou o escritor.

**Palavras-chave:** Estados Unidos da América; literatura infantil; identidade nacional; análise literária.

## abstract

*Besides living in a period in which the United States prevailed economically and politically across the planet, Monteiro Lobato (1882-1948) also showed interest and concern about Brazilian identity and the country's “lagging behind” its powerful neighbor. His view might have been sparked by the time he spent in that country, between 1926 and 1930, as a consular commercial attaché. An analysis focusing specifically on his children's books shows the author's undeniable admiration for the material achievements, American productivity, and often the emphasis placed at that time on its film production. There is also criticism and irony. In general, all “Americanist” remarks are balanced – and even overshadowed – by the true universal character of Lobato's children's world, in the almost 5,000 pages the author dedicated to them.*

**Keywords:** *United States of America; children's literature; national identity; literary analysis.*

**N**a correspondência publicada de Monteiro Lobato, há uma frase, que já usei algumas vezes, em contextos diversos: “[tenho] medo [de] que o brasileiro acabe mais sem-vergonha do que é”. Devo confessar que, ao fazê-lo, tomei uma liberdade com a frase (que não seria autorizada pelo próprio Lobato), pois é provável que seja o único texto original em que o escritor nos trate – seus con-

terrâneos – de “sem-vergonha”...

A verdade, na visão da minha pesquisa: em 1944, Lobato escreveu uma carta ao professor Jorge Americano, então reitor da USP, para justificar o seu pedido de demissão do conselho da União Cultural Brasil-Estados Unidos:

“Como verifiquei que os americanos fazem a maior das guerras ao fascismo na Europa e dão todo o apoio moral e material ao mesmo fascismo aqui, achei de bom conselho não contribuir para a união cultural entre os dois povos, de medo que o brasileiro acabe ainda mais sem-vergonha do que é”.

O escritor tem, então, 62 anos. Está precocemente envelhecido (morrerá em 1948). Acaba de escrever sua última obra completa destinada ao público infantil: *Os Doze Trabalhos de Hércules*. Já realizou quase todos os “seus” trabalhos hercúleos: inventou o Jeca Tatu, implantou a modernidade na literatura brasileira, defendeu o ferro e o petróleo,

enfrentou a ditadura de Vargas, da qual foi prisioneiro, e escreveu a melhor literatura para crianças desde Hans Christian Andersen. Sem se dar totalmente conta disso, entretanto, continua perplexo, na busca de uma identidade nacional para o Brasil que minimamente o satisfaça.

É notável a ambivalência da frase epistolar disparada ao reitor da USP. Nela, Lobato afirma, sem pejo, que considera seus compatriotas “sem-vergonha”. Mas faz uma afirmação surpreendente, para alguém que a pequena história contemporânea registra como americanófilo: a de que ainda mais sem-vergonha do que os brasileiros são os americanos, um povo – ou governo – capaz de guerrear à morte contra o fascismo europeu, mas de apoiá-lo aqui – no Brasil e na América Latina em geral.

No ano de 1996 apresentei, no curso de doutorado de Comunicação e Cultura da UFRJ, uma tese sob o título *Os Filhos de Lobato – O Imaginário Infantil na Ideologia do Adulto*. O texto foi publicado como livro, pela Editora Globo, em 2011. Durante cerca de uma década, estudei sobre a formação da personalidade e do pensamento; li obras sobre literatura infantil de todas as partes do mundo, incluindo o Brasil; investiguei a vida e a obra do cidadão José Bento Monteiro Lobato

---

**J. ROBERTO WHITAKER PENTEADO** foi um dos criadores da Escola Superior de Propaganda e Marketing e é autor de *Os Filhos de Lobato – O Imaginário Infantil na Ideologia do Adulto* (Globo).

– nascido em 1882 e falecido em 1948 – e literalmente “morei” nas quase 5 mil páginas de sua obra infantil, fazendo um levantamento dos principais temas sociais e políticos que o autor propunha a seus pequenos leitores – sobre a família, o papel da mulher, religião, governo, Estado, povo e indivíduo, progresso e mudanças, entre outros – e consultei tudo e todos sobre Monteiro Lobato e sua literatura infantil.

Para atender à solicitação da direção desta revista – quais as visões do escritor como “americanista”, em sua obra infantil? – retornei, e confesso que com prazer, àquelas páginas tão queridas na minha infância. Como não poderia deixar de ser, há muitas observações sobre os Estados Unidos, seu povo e sua cultura, que tentarei resumir nas páginas seguintes.

Na obra infantil de Lobato, publicada em livro, encontrei menções ou reflexões sobre o tema em 14 dos 20 remanescentes da série original (em ordem cronológica):

- 1921 - *O Saci*
- 1931 - *Reinações de Narizinho*
- 1932 - *Viagem ao Céu*
- 1933 - *História do Mundo para as Crianças*
- 1934 - *Emília no País da Gramática*
- 1935 - *Geografia de Dona Benta*
- 1935 - *História das Invenções*
- 1936 - *Memórias da Emília*
- 1937 - *Serões de Dona Benta*
- 1937 - *O Poço do Visconde*
- 1941 - *A Reforma da Natureza*
- 1942 - *A Chave do Tamanho*
- 1944 - *Os Doze Trabalhos de Hércules*
- 1947 - *Histórias Diversas*.

Uma observação importante é que as obras infantis foram publicadas em muitos formatos, em grande número de edições. Os estudiosos do assunto, que detalham suas pesquisas em *Monteiro Lobato Livro a Livro*<sup>1</sup> advertem para o fato de que o próprio autor fez muitas modificações nos textos ao longo do tempo e – o que me incomodou um

pouco –, após a morte do autor, em 1948, e até os dias de hoje, houve diversos acréscimos, feitos por outras pessoas, que seriam quase impossíveis de identificar. (Alguns deles são óbvios, como menções a satélites artificiais, lançados em 1968, em *Serões de Dona Benta*; referências a artistas de cinema contemporâneos, como Jane Fonda, etc.)

Lia Cupertino Duarte, por exemplo, chama a atenção para uma correção feita pelo próprio Lobato, em 1947, que comprova certa preocupação do autor em minimizar, de alguma forma, a presença da imagem norte-americana em seu pensamento, reproduzindo um mesmo trecho da edição de 1937, de *Serões de Dona Benta*, e na de 1947.

No texto de 1937, os personagens ficam consternados com a leitura de uma notícia de jornal sobre “o incêndio de uma escola *dos Estados Unidos, na América*” (grifos da pesquisadora), que, em 1947, se tornam “o incêndio *duma escola indeterminada*” (idem).

As obras de natureza ostensivamente didática foram escritas nos cinco anos entre 1933 e 1937, isto é, depois de sua vivência norte-americana. A partir de 1936-37, contudo, concentra-se no que se denomina obra de fantasia.

## COMENTÁRIOS SOBRE OS TRECHOS SELECIONADOS

### *O Saci*

Seria difícil encontrar um “americanismo” nesta obra intensamente brasileira. A notar, contudo, que o Saci, ao despedir-se da família, deixa uma nota em inglês: “*forget me not*”.

### *Reinações de Narizinho*

Nesta coleção de histórias que Lobato publicou a partir de 1921 e reuniu em livro em 1931, a notar – entre os personagens do mundo das maravilhas – dois artistas norte-americanos da época do cinema mudo: o *cowboy* Tom Mix e o gato Félix. Este último se vangloria: “[...] nasci nos Estados Unidos, em Nova York. As casas lá são tão altas que se chamam arranha-céus”.

1 Marisa Lajolo e J. Luis Ceccantini (orgs.), São Paulo, Imprensa Oficial, 2008.



Ilustração de Manoel Victor Filho para a Coleção Monteiro Lobato da Editora Brasiliense

## Viagem ao Céu

Referência ao moderníssimo e gigantesco telescópio de Palomar, na Califórnia, *que custou 6 milhões de dólares*.

## História do Mundo para as Crianças

Adaptação de *A Child's History of the World*, de V. M. Hillyer, diretor da Calvert School, de Baltimore.

O continente americano ocupa poucas páginas, no final do livro, mas há referências elogiosas de Dona Benta a Benjamin Franklin, George Washington e Abraham Lincoln.

## Emília no País da Gramática

Quando o rinoceronte Quindim descreve as várias “cidades” de palavras, observa (incorretamente) que “Anglópolis é a maior de todas, com

mais de 500 mil palavras”. O *Webster* registra que o vocabulário inglês tem mais ou menos o mesmo porte do português: 250 mil palavras.

## Geografia de Dona Benta

“Uma parte é a América do Norte; o rabinho é a América Central; e a outra parte é a América do Sul. Esse rabinho foi cortado pelo Governo dos Estados Unidos por meio do Canal do Panamá...”

### Observação irônica de Lobato?

Nesse livro, os personagens visitam, de fato, os EUA – ainda que num brigue imaginário. Vão a Nova York, Washington e Hollywood.

Assim que saem a passear pela cidade, o grupo atrai a atenção das pessoas, sobretudo pela presença do rinoceronte – parceiro indispensável, por falar inglês fluente. Providencialmente surge um cidadão, que se propõe a ser *manager* de Quindim – e cobrar pelas exibições do paquiderme –, o que resolve os problemas financeiros dos viajantes.

Merece destaque a goma de mascar, produto inexistente no Brasil de 1935, e que Lobato chama de “**chewing-gum**”, em negrito. Muito impressiona Tia Nastácia que os negros americanos só falem inglês.

Na Casa Branca, são recebidos pelo presidente Roosevelt, que, ao descobrir que o Visconde de Sabugosa é um sábio brasileiro, providencia que se lhe entregue o grau de doutor honorífico da Universidade de Princeton.

De forma semelhante ao fictício encontro com Shirley Temple, nas *Memórias da Emília*, mais adiante, a chegada do grupo de Dona Benta atrai ao hotel as grandes estrelas do cinema da época: Greta Garbo, Joan Crawford, Joan Blondell e Clara Bow. Aos do gênero masculino, Pedrinho e o Visconde, cabe a companhia de Tom Mix.

## História das Invenções

Adaptação de Hendrik van Loon – *História das Invenções do Homem, o Fazedor de Milagres*.

A afirmação de Lobato pode ser considerada vanguardista, no ano de 1935:

“Na América os irmãos Wright conseguiram realizar o primeiro voo um pouco antes de Santos Dumont. Quando uma invenção está madura, sua tendência é brotar ao mesmo tempo em vários pontos”.

## **Memórias da Emília**

Os leitores sabem que a maior parte – ou a totalidade – dessas “memórias” da boneca foram por ela inventada e ditada ao Visconde de Sabugosa. Ficção dentro da ficção...

Pela boca da boneca, Lobato dá vazão a uma megalomania mansa:

“– Para ver o anjinho que os pica-paus trouxeram da viagem ao céu, todas as crianças do mundo querem ser levadas ao sítio. Foi preciso tirar a sorte. O presidente Roosevelt escreveu o nome de cada país num pedacinho de papel e os inglesinhos foram sorteados”.

O marinheiro Popeye faz parte de uma das tripulações dos barcos que trazem a criançada. E leva



O marinheiro Popeye em ilustração para as *Memórias da Emília*, da Editora Brasiliense

uma surra de Pedrinho e de Peter Pan, apesar do espinafre – que Emília substitui por couve.

A boneca faz uma visita relâmpago a Hollywood e é recebida pela estrela infantil dos anos 30, Shirley Temple. Mas é Shirley quem diz:

“– Ora, Emília! Quem não conhece a Marquesa de Rabicó? Fique sabendo que em Hollywood todos sabemos de corzinho aqueles livros onde vêm contadas as suas estórias”.

## **Serões de Dona Benta**

Nesse livro paradidático, que não é adaptado, Lobato filosofa através da personagem da velha senhora:

“– Não creio que o homem seja inteligente, minha filha. O que acontece é surgirem na grande massa humana alguns homens realmente dotados de inteligência. Na maioria, porém, o homem é extraordinariamente estúpido. O triste no rebanho humano é a força dos maus sentimentos.

Os países da culta Europa ainda hoje fazem ‘guerras de conquistas’ contra os povos mais fracos, para roubá-los”.

E reportando-se às notícias dos jornais sobre os EUA (talvez esquecido da “correção” anterior):

“– Em 18 de março de 1925, ocorreu um terrível tornado na América do Norte. A coisa começou no estado do Arkansas, e foi morrer no centro do estado de Indiana, matando quatro mil pessoas e causando tremendos prejuízos materiais”.

## **O Poço do Visconde**

O mais politizado dos livros infantis de Lobato deve ter alertado algumas gerações de brasileiros, cada um à sua maneira, sobre as virtudes do desenvolvimento econômico como projeto nacional. Uma das primeiras frases do texto é: “Foi assim que começou o petróleo no Brasil”.

A história começa com Narizinho criticando Pedrinho por sentar-se à varanda com os pés sobre o gradil, nivelados à cabeça. Dona Benta interfere:

“– Certos sábios afirmam, minha filha, que quando uma pessoa se senta com as extremidades niveladas, a circulação do sangue agradece, e a cabeça pensa melhor. É por esse motivo que os homens de negócios da América costumam nivelar as extremidades, sempre que têm de resolver um assunto importante. Os negócios de lá prosperam melhor que os de qualquer outro país”.

Depois das lições introdutórias de Dona Benta sobre a importância do petróleo (e uma menção a Rockefeller como milionário benfeitor, inclusive financiando a Escola de Medicina de São Paulo), cabe ao Visconde de Sabugosa passar aos meninos (e aos leitores) noções básicas de geologia – nem sempre fáceis de acompanhar. A ação começa quando o grupo decide perfurar um poço de petróleo no Sítio do Picapau Amarelo.

Como não há especialistas em perfurações no país, será necessário importar um técnico, Mr. Kalamazoo. A decisão é tomada com alguma relutância: “– Não sei se este homem merece confiança. Pode ser um agente dos tais trustes que não querem que o Brasil tenha petróleo e venha sabotar o nosso poço...” (Pedrinho).

O americano é contratado, mas quatro olhos o seguirão permanentemente – os dois do rinoceronte e os dois do Visconde.

O químico-geólogo “é um moço distinto, parecido com o Clark Gable”, que vinha sempre jantar com Dona Benta, com a qual conversava durante horas, em inglês. Chama-se Mr. Champignon, filho de francês e americana, mas vai se revelar, no final da obra, também um sabotador contratado pelos trustes...

No final da perfuração, revela-se a sabotagem: não chegaram as válvulas de vazão para controle do fluxo do petróleo. Em vez dos *blowout preventers*, estão, nos caixotes, dois aparelhos de rádio.

Salvos pelo faz-de-conta da Emília, o óleo negro traz a prosperidade ao sítio e ao povoado do Tucano Amarelo. Rockefeller aparece, novamente, oferecendo 5 milhões de dólares pela compra do sítio.

Como evidência do progresso, a visão sempre lobatiana do cinematógrafo: “– A roça está virando cidade com uma fúria louca. Ontem repeti três vezes a sessão do Cine Tucano Amarelo. Aquilo é que é cinema!” (Coronel Teodorico).

Kalamazoo e Champignon confessam que vieram pagos para sabotar “todos os poços que Dona Benta quisesse abrir”. Faltou-lhes coragem. “– Quem poderia prejudicar uma senhora de tão altos espíritos, como Dona Benta; ou um menino tão empreendedor e sincero, como Pedrinho”.

O próprio Visconde muda de tom:

“– No começo dei-me à filologia: hoje dou-me à geologia. Por uma razão econômica. A filologia não aumenta a riqueza dum país. Os Estados Unidos são o país mais rico do mundo porque compreenderam isso e lançaram-se à exploração das reservas do subsolo, de onde extraem, por ano, produtos no valor de 6 bilhões de dólares, ou seja, mais de 100 bilhões de cruzeiros na nossa moeda!”.

Nos dois livros seguintes – de fantasia quase pura – Lobato assume de vez o papel do Sítio do Picapau Amarelo como centro do planeta e não hesita em 1) acabar com a humanidade e 2) reformar a própria natureza.

## ***A Chave do Tamanho***

Foi isso o que se deu: a completa extinção da humanidade, porque os insetos bípedes que a substituíram já não eram propriamente humanos. A Emília do sítio de Dona Benta havia realizado um prodígio: suprimido a humanidade!

Talvez de forma previsível, a primeira manifestação de civilização da nova humanidade ocorre na América: em Pail City.

A “Cidade do Balde” nasce numa inominada região dos EUA – um começo de tribo. Seu líder é o Doutor Barnes, professor de antropologia na Universidade de Princeton. Elegem-no chefe, porque acham que tem “boa cabeça”.

A reação do governo americano aos relatos da Emília sugere que Pail City será o verdadeiro reinício da civilização.

## ***A Reforma da Natureza***

Lobato começa:

“– Quando a guerra da Europa terminou, os ditadores, reis e presidentes cuidaram da discussão

da paz [...] E puseram-se a discutir, mas por mais que discutissem não saía paz nenhuma. Parecia a continuação da guerra”.

Resolvem, então, chamar Dona Benta e Tia Nastácia para atuarem como “consultoras” da nova organização pela paz.

Emília fica sozinha no sítio e decide – simplesmente – reformar a natureza, com a ajuda de uma amiga (a Rã, provavelmente pequena leitora do autor, como a Cléo – que aparece em outra obra). Destaco uma conversa entre as duas:

“– ‘Dona Benta vai acabar com os exércitos e as marinhas, com os canhões e as metralhadoras.’ Mas a Rã, que entendia um pouco de política, achou que as grandes nações eram muito orgulhosas para se sujeitarem a ser simples Estados dum grande Estados Unidos”.

## ***Os Doze Trabalhos de Hércules***

Afora frequentes manifestações críticas às guerras (o livro é de 1944) e às nações que as protagonizam, nada se identificou como “americanista”.

Todavia, este autor teve um *insight* inusitado, que peço licença para registrar no encerramento: terá Lobato sido estimulado pelos ubíquos super-heróis da moderna mitologia norte-americana para ir ao encontro de Hércules, na Antiguidade grega?<sup>2</sup>

O Visconde observou que, nos tempos modernos, havia a “justiça organizada”, mas ali a justiça

eram os heróis. Eles andavam à caça dos maus, como polícia. E pegavam-nos e liquidavam-nos com a maior simplicidade.

## ***Histórias Diversas***

Nessa coletânea de histórias avulsas (que Lobato não chegou a reunir em livro), há uma curiosa “fugida” da boneca Emília, que, com o uso do notório pó de pirlimpimpim, vai fazer uma visita ao Atol de Bikini, para verificar os efeitos de um teste de explosão de uma bomba atômica (provavelmente em 1946).

Ocorrem também breves participações de personagens de Walt Disney: Donald, Mickey e Pluto – todos bem mais recentes do que Tom Mix ou o Gato Félix.

Minha amiga pessoal Rose Lee Hayden – e pioneira dos estudos sobre Lobato, nos Estados Unidos (apresentou tese de doutorado sobre a sua literatura infantil na Universidade Estadual de Michigan, em 1974!) – observa que o escritor não se incomodava muito com o que, na atualidade, poderiam ser consideradas como infrações a direitos autorais alheios, ao incluir pessoas reais e personagens de cinema em suas histórias. Mas acrescenta:

“Lobato queria criar uma identidade moderna para o seu país, sintonizada com o positivismo e o progresso, e assim punha as crianças brasileiras a conversar com naturalidade com os ícones da época, celebridades, personalidades, e até deuses e super-heróis”<sup>3</sup>.

---

2 Superman é de 1938, Batman e Capitão Marvel, de 1939, e Capitão América, de 1941.

3 Rose Lee Hayden, *The Children's Literature of José Bento Monteiro Lobato of Brazil, a Pedagogy for Progress* (pu-

---

blicado em versão adaptada, em português, como: *A Literatura Infantil de José Bento Monteiro Lobato, uma Pedagogia para o Progresso*. São Paulo, Instituto Cultural ESPM, 2012).